



**Da falhada alternativa liberal à
Noite Sangrenta**

1921

Em Portugal, no campo político, não se discutem ideias, discutem-se homens para os arruinar, como se dessa demolição não adviesse um grave mal para o regime e para o País (Barros Queirós)

Mais uma vez a mais perigosa das utopias levou este país à epilepsia da desordem (Raul Proença na *Seara Nova*)

Cada vez enjoo mais a política. Nunca entrei para partido algum, porque os partidos da República têm colocado os homens acima dos partidos ... Por isso é que os homens de bem se retraem, afastando-se da política (António Luís Gomes)

● **Seara Nova e PCP** – No ano da *Noite Sangrenta* e do outubrismo lusitano, confirmando a profecia de Eça de Queiroz sobre a *balbúrdia sanguinolenta*, surge *Estado Livre da Irlanda*, constituído pelo Tratado de Londres, de 6 de Dezembro de 1921, qualificado como domínio (*dominion*) independente, no seio da *Commonwealth*, depois transformado no *Irish Free State*, em 1937, e na república do *Eire*, proclamada em 1948. Aparece a revista *Seara Nova* e Carlos Malheiro Dias (1875-1941), exilado no Brasil desde Dezembro de 1913, publica a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, obra colectiva para onde mobiliza, entre outros, Duarte Leite, Jaime Cortesão, Júlio Dantas, António Baião, Paulo Merêa e Oliveira Lima. No ano da revolta de Kronstadt (Fevereiro a Março), o último sinal libertário e russista contra os comunistas no poder, há que assinalar tanto o X Congresso do Partido Bolchevique, que institui a NEP (Nova Política Económica), que adia a colectivização, como o III Congresso do Komintern, em Junho. António Gramsci (1891-1937) funda o partido comunista italiano, no mesmo ano da emergência do nosso PCP, em Março, e do Partido Comunista da China, em 1 de Julho, num congresso que reúne 12 representantes de 57 militantes.

● **Entre dois magnicídios...** A *nova república velha*, depois do fim do sidonismo e até à *Noite Sangrenta*, vai ter catorze governos e duas eleições gerais, com o partido democrático a ser pulverizado (dissidência dos reconstituíntes em Abril de 1920; dissidência de Domingos Pereira de 19 de Novembro de 1920 a 13 de Dezembro de 1921), vivendo um crise tão grave que o leva a perder as eleições de 1921. Desaparecem os anteriores evolucionistas e unionistas, fundidos num novo Partido Liberal, apesar de alguns evolucionistas constituírem um Partido Popular. Começa a organização dos católicos (em 1919 elegem um deputado entre cinco candidaturas apresentadas; em 1921, dois eleitos entre 8 candidaturas a deputados). Aparecem, contudo, outras novidades políticas nas margens do sistema. Na extrema-esquerda institui-se a central sindical anarco-sindicalista, CGT, com um jornal diário, *A Batalha*, e funda-se o PCP. Na extrema-direita, desaparece o sentido aglutinador do regresso ao antes de 1910, e os monárquicos dividem-se entre os *manuelinos*, liberais, defensores da Carta, e os *integralistas*, que se unem aos *legitimistas*.

●**Movimentações dos sindicatos e das forças vivas** – Conferência da CGT no Teatro Nacional, com discurso de Campos Lima que critica frontalmente as propostas financeiras de Cunha Leal (16 de Janeiro). 1º Congresso das Juventudes Sindicalistas em Lisboa (30 de Janeiro). Delegação de Associação Industrial Portuguesa, com Alfredo da Silva², sugere a Liberato Pinto que Portugal será salvo se ele decidir *a ir sem hesitação até onde for necessário* (4 de Janeiro). Congresso da *Confederação Patronal Portuguesa*, nos dias 9 e 10 de Janeiro, reunindo 60 associações (22 comerciais; 15 mistas e 4 industriais), incluindo a ACAP. Fora criada em 1920.

●**Atentados e greves** – Raúl Esteves é alvejado a tiro (5 de Janeiro). O engenheiro Santos Viegas, a quem os sindicalistas atribuem a efectiva autoria dos decretos que serviram de pretexto à greve ferroviária, é vítima de um atentado (7 de Janeiro). Greve dos trabalhadores das dos jornais de Lisboa, a que aderem jornalistas, revisores e tipógrafos (17 de Janeiro)

●**Governo nº 81** (2 de Março) **Bernardino Machado** (82 dias). Três democráticos, dois populares e três reconstituíntes, face a uma frontal oposição dos liberais. Quatro ministros transitam do anterior gabinete.



●Presidente acumula o interior. Na justiça, Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso (reconstituínte, vindo dos dois anteriores gabinetes, de Álvaro de Castro e Liberato Pinto, isto é, passa três gabinetes, sendo

ministro ininterruptamente, de 15 de Janeiro de 1920 a 23 de Maio de 1921. Nas finanças, António Maria da Silva (democrático ortodoxo). Na guerra, Álvaro de Castro (reconstituínte). Na marinha, Fernando Brederode (popular). Nos negócios estrangeiros, Domingos Pereira (democrático



dissidente). No comércio, António Joaquim Ferreira da Fonseca² (reconstituínte). Nas colónias, Paiva Gomes (democrático ortodoxo). Na instrução pública, Júlio Martins (popular). No trabalho, José Domingues dos Santos (democrático ortodoxo). Na agricultura, o democrático Albano Augusto de Portugal Durão (de 4 de Maio a 19 de Maio). Bernardino Machado interino de 2 de Março a 4 de Maio e de 19 de Maio a 23 de Maio.

●Em 16 de Março funda-se o **Partido Comunista Português**, a partir da Federação Maximalista Portuguesa, então dirigida por Manuel Ribeiro. Teria então cerca de 2000 membros.

●**Revolta da GNR** Sublevação promovida por sectores afectos a Liberato Pinto (21 de Maio). Entre os cabecilhas, Gilberto Mota, Procópio de Freitas e o capitão Tribolet, com o apoio de Machado Santos. Defende o governo o comandante da GNR, general Pedroso Lima. Os golpistas movimentam-se suspeitando da hipótese de se preparar a subida de Bernardino à presidência e de Álvaro de Castro a chefe do governo. Jugulada a movimentação através de um contra-golpe vitorioso chefiado por Júlio Martins, com o apoio da marinha. Apesar de vencida a revolta, o governo pede a demissão no dia 23. Liberato Pinto é suspenso em 19 de Março e demitido de Chefe de Estado-Maior em 30 de Março.

●**Gomes da Costa** demite-se da Federação Nacional Republicana, criada em Dezembro de 1920, em conflito com Machado Santos (24 de Maio). Tinha sido nomeado comandante da 4ª divisão militar, de Évora, em 17 de Maio e na altura é contactado por Baltazar Cabral e José Eugénio Dias Ferreira, no sentido de encabeçar uma conspiração.

●**Novo atentado a tiro** contra um juiz do Tribunal de Defesa Social que, apesar de baleado, escapa com vida (12 de Março).

●Explosão de **bombas** em Lisboa, por ocasião da greve dos manipuladores do pão (11 de Abril).

●**Governo nº 82** (23 de Maio) **Tomé José de Barros Queirós**. Governo liberal, dominado por ex-unionistas. totalmente liberal, onde predominam os antigos unionistas. O programa invoca, sobretudo, a necessidade da liberalização do comércio.

●Barros Queirós ↗
(1872-1926),
comerciante em Lisboa,
acumula com as finanças.
Antigo unionista, havia
sido membro do governo
de 14 de Maio de 1915.
No interior, general Abel
Hipólito. Na justiça, José
do Vale Matos Cid. Na
guerra, Alberto Carlos da
Silveira. Na marinha, o
advogado Ricardo Pais
Gomes. Nos negócios
estrangeiros, Melo Barreto.
No comércio, António
Granjeo, até 10 de Agosto,
depois Fernandes Costa.
Nas colónias, Celestino de
Almeida. Na instrução
pública, António Ginestal
Machado (1874-1940), o
ex-alvarista. No trabalho,
Júlio Ernesto de Lima
Duque. Na agricultura, o
professor de agronomia
Manuel de Sousa da Câmara
(n. 1877), até 3 de Setembro.



Pop. 1		Mon. 4
Soc. 8		
Ind. 8		Cat. 3

●**Eleição nº 50 para o Congresso da República** de 156 deputados e de 68 senadores (10 de Julho). Cerca de 550 000 eleitores e de 350 000 votantes. Vitória dos liberais (48%): 76 deputados e 32 senadores. Seguem-se os democráticos (34%), com 54 deputados e 22 senadores e, depois, os reconstituíntes (8%): 12 deputados e 7 senadores. Outras forças: independentes (5 deputados e 5 senadores), monárquicos (4 deputados), católicos (3 deputados e 3 senadores), dissidentes democráticos (3 deputados), regionalistas (2 deputados), populares (1 deputado e 1 senador), diversos (3 deputados e 1 senador). Salazar é eleito deputado por Guimarães pelo Centro Católico que faz vários acordos pré-eleitorais, à maneira do rotativismo.

●**Um as eleições diferentes** – Ao contrário das precedentes eleições de 1919, há uma significativa mobilização, provocada pela candidatura de monárquicos como de católicos. Pela primeira e única vez na história da república, não vencem os afonsistas, dada a maioria relativa obtida pelos liberais, então no governo.

●**Vários acordos pré-eleitorais** Há vários acordos pré-eleitorais, à maneira do rotativismo, sendo alguns deles verdadeiros *conluios sem ideias*. Em Fafe, há acordo de liberais, democráticos, dissidentes, católicos e monárquicos.

●**Discutem-se homens e não ideias** – *Em Portugal, no campo político, não se discutem ideias, discutem-se homens para os arruinar, como se dessa demolição não adviesse um grave mal para o regime e para o País* (Barros Queirós).

●Publicado o **programa governativo** que promete *medidas tendentes à normalização da liberdade de trânsito e de comércio de todos os géneros e produtos* (23 de Junho).

Diss. D. 3	Rec. 12	Lib. 76
Dem. 54	156 dep.	

↗ Da esquerda

Liberais

- 79 deputados e 32 senadores em 1921.
- Integram os anteriores unionistas, evolucionistas e parte dos sidonistas

Reconstituíntes

- 12 deputados e 7 senadores.
- O grupo mobiliza os antigos jovens turcos, que constituíam a equipa de apoio a Correia Barreto no primeiro governo provisório da República.
- Hão-de juntar-se aos liberais no partido

Para a direita ↘

Monárquicos

- 7 deputados e 1 senador.
- Em 1920, representantes dos integralistas, que acusam D. Manuel II de *preconceitos liberalistas*, com Alberto Monsaraz e Luís de Almeida Braga, e do velho partido legitimista, com D. João de Almeida Correia de Sá, Lavradio, reúnem-se no palácio de Bronnbach, no ducado de Baden, com D. Miguel de Bragança, terceiro filho de D. Miguel I.

nacionalista, mas passados meses, logo se lançam em nova dissidência, a Acção Republicana.

Dissidentes Democráticos

● Em 13 de Novembro de 1921, os dissidentes democráticos de Domingos Pereira regressam ao partido democrático.

Democráticos

- 54 deputados e 22 senadores.
- Em 1920, os democráticos, em aliança com o patronato, chegam a constituir *grupos de defesa da República*.
- Nos começos de 1920, Vitorino Guimarães opõe-se à linha oficialista que elege Afonso Costa, o qual, contudo, nunca assumirá essas funções.
- Em 3 de Fevereiro desse ano, Ramada Curto considera os democráticos como *essa grande cooperativa de produção e consumo*.

Federação Nacional Republicana

● Grupo de apoiantes de António Machado Santos, oriundos do Centro Reformista. Corporiza-se em Dezembro de 1920, defendendo, entre outros pontos programáticos, a transformação das províncias ultramarinas em Estados Autónomos a criação de um Estado Português Confederado. Sob a presidência de António Machado Santos, tem como principais dirigentes o general Manuel Gomes da Costa, João Viegas Paula Nogueira, Joaquim Meira e Sousa, José Holbeche Castelo Branco, José Marques do Carmo Catarino, Francisco do Carmo Benevides e Alexandre Barbosa.

Populares

- Grupo de antigos evolucionistas que não se integram nos liberais. Apenas 1 deputado em 1921.
- Não-de ser parcela importante do outubrismo.

Anarco-sindicalistas

- Em 18 de Setembro de 1919 é constituída a Confederação Geral do Trabalho.
- Clamam contra a hipótese de uma *ditadura das forças vivas*.

Centro Católico Português

- 3 deputados e 3 senadores em 1921.
- Em Novembro de 1920 os católicos de *A Época*, apoiando o governo democrático de Liberato Pinto, defendem um *governo militarizado* que se assumisse como *órgão da vontade nacional*.
- Em 1921, Salazar é eleito deputado por Guimarães pelo Centro Católico que faz vários acordos pré-eleitorais, à maneira do rotativismo
- Realiza-se o II Congresso do Centro Católico Português em 29 de Abril 1922. Vencem os chamados centristas ou *catolaicos*, liderados por António Lino Neto, com o apoio de António de Oliveira Salazar e Dinis da Fonseca, sendo afastados da direcção os monárquicos católicos, então representados por Fernando Sousa (Nemo).
- As forças do regime, nomeadamente o jornal *O Mundo*, reconhecem expressamente o *comportamento leal dos católicos*.

Partido Nacional Republicano Presidencialista

- Os neo-sidonistas, depois de falhar o Partido Republicano Conservador, ideia lançada em 1919, instituem o PNRP em 1920, a partir do *Centro Republicano Dr. Sidónio Pais*, dirigido por João Tamagnini Barbosa, e da *Juventude Republicana Sidonista*, dirigida por José Pinto Martins.
- Emitem em 4 de Junho de 1921 um *manifesto ao País*, subscrito por José Vicente de Freitas, António Andrade Velez, Eduardo de Almeida, José da Silva Bastos, Fernando Borges, José Marcelino Carrilho, João Tamagnini Barbosa, Eurico Cameira, Joaquim Mendes do Amaral, José Feliciano da Costa Júnior, Jorge da Costa Pereira, Teófilo Duarte e Miguel Crespo. Parte deles aderirá em 1925 ao Partido Republicano Nacionalista e outros enveredarão, a partir de 1922, por sendas miméticas face ao fascismo mussoliniano.

Forças Vivas

- O patronato apoia o governo de Liberato Pinto.
- Em 12 de Janeiro 1921 reúne-se o congresso da Confederação Patronal Portuguesa.
- Em 7 de Julho 1921 surge o jornal *Imprensa da Manhã*, subsidiado por

Alfredo da Silva e Fausto de Figueiredo.

●Os agrários alentejanos da ACAP defendem o modelo proteccionista das leis de Elvino de Brito, tendo o apoio dos vinhateiros do Ribatejo, afectados por uma crise de exportação. Assumem-se contra a política dita do *pão barato*.

●**Apresentação parlamentar** (1 de Agosto). António Luís Gomes, antigo ministro do governo provisório da República, reitor da Universidade de Coimbra, regressando à política como deputado, declara no parlamento que *a pátria está sobre um vulcão*.

●**A pátria está sobre um vulcão** – *O sistema parlamentar está condenado por causa do regime de mentira, ao mesmo tempo que os ministros são uns verdadeiros criminosos que estão a arrancar o sangue do povo português*. Conclui, salientando: *cada vez enjoo mais a política. Nunca entrei para partido algum, porque os partidos da República têm colocado os homens acima dos partidos... Por isso é que os homens de bem se retraem, afastando-se da política* (António Luís Gomes).

●**Greve** dos restaurantes e hotéis de Lisboa (13 de Maio). Greve dos eléctricos em Lisboa.

●Discute-se a **burla do empréstimo** de 50 milhões de dólares que Afonso Costa prometera conseguir dos norte-americanos. Fora encarregado pelo anterior governo de negociar com agentes da *War Finance Corporation*, firmando um contrato provisório. Mas os norte-americanos não passam de meros vigaristas (5 de Agosto).

●**Surge o jornal *Imprensa da Manhã*** (7 de Julho). Será subsidiado por Alfredo da Silva, que lhe chama uma *amante cara*, e por Fausto de Figueiredo. Terá papel fundamental no desencadear do outubrismo e desse dano emergente chamado *Noite Sangrenta*.

●**Manifesto de Baiona** de D. Maria Aldegundes de Bragança, tutora de D. Duarte Nuno, intitulado *Proclamação de Princípios*, onde se defende *a monarquia tradicionalista* (26 de Junho).

●**Partido legitimista** anuncia acção conjunta com o Integralismo Lusitano, face ao Manifesto de Baiona (1 de Julho).

●**Novo atentado** contra um juiz do Tribunal de Defesa Social (13 de Junho).

●**O governo demite-se** depois de falhar o grande empréstimo externo que havia sido negociado por Afonso Costa e não se conseguir um aumento das receitas sem aumento dos impostos.

●**Governo nº 83** (30 de Agosto) de **António Granjo** (50 dias). Governo liberal, onde dominam o ex-evolucionistas. Estrutura-se uma alternativa republicano-conservadora

●Presidente acumula com o interior. Tinha então quarenta anos, este antigo seminarista, formado em direito por Coimbra, alferes durante a Grande Guerra, conspirador contra o sidonismo e colaborador da *República*. Na



justiça, Raúl Lelo Portela. Nas finanças, Vicente Ferreira²⁷. Na guerra, Freitas Soares. Na marinha, Ricardo Pais Gomes. Nos negócios estrangeiros, Melo Barreto, antigo monárquico

apoiente de Teixeira de Sousa. No comércio, Fernandes Costa. Nas colónias, Ferreira da Rocha. Na instrução pública, Ginestal Machado. No trabalho, Lima Duque. Na agricultura, Fernandes Costa interino e em 3 de Setembro, Aboim Inglês, acusado de ser afecto às *forças vivas*, conhecido como amigo de Palha Blanco.

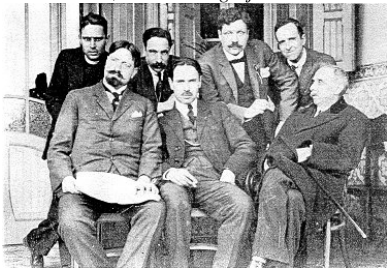
●**Populares agressivamente oposicionistas** – Surge uma agressiva oposição dos populares, que tinham sido correlegionários de António Granjo no partido evolucionista, destacando-se a acção de Júlio Martins, aliado a sindicalistas de esquerda e a militares próximos de Liberato Pinto, apoiados pelo jornal *Imprensa da Manhã*, de Alfredo da Silva. Conseguem federar os

sindicalistas, os adeptos de Liberato Pinto e os membros da esquerda dos democráticos, dominada pelo *Grupo dos 13* e pelo *Centro Radical António Maria Baptista*.

●**Católicos, reconstituintes e democráticos**

– Os católicos declaram a neutralidade, os reconstituintes ficam-se pelo cepticismo, enquanto os democráticos apenas prometem *fiscalização patriótica e republicana*.

●**A loucura do extremismo anticlerical** – Granjo é alvo de várias difamações, por parte de sectores extremistas do anticlericalismo que consideram este *maçon* como um *reaccionário, vendido à Igreja*.



●**Seara Nova** – Surge no dia 16 de Outubro, esta revista dita de *doutrina e crítica*. Tem como colaboradores António Sérgio, Raúl Proença, Jaime Cortesão, Ezequiel de Campos e Raúl Brandão. Pretendem *renovar a mentalidade da elite portuguesa tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de Salvação; criar uma opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias; defender os interesses supremos da nação opondo-se ao espírito de rapina das oligarquias dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos; protestar contra todos os movimentos revolucionários e todavia defender e definir a grande causa da verdadeira revolução; contribuir para formar acima das Pátrias, a união de todas as Pátrias – uma consciência internacional bastante forte para não permitir novas lutas fratricidas*.

●**Abortado um golpe de Estado** (30 de Setembro). O chefe da conjura é o tenente-coronel Manuel Maria Coelho, o homem do 31 de Janeiro de 1891, apoiado por Procópio de Freitas, Camilo de Oliveira, Cortês dos Santos, Xavier Ferreira, Orlando Marçal e Sebastião Correia. Depois de presos alguns dos cabecilhas do movimento, estes são depois libertados por ordem do próprio

Granjo, considerando este que *só pela brandura se consegue governar...* Camilo de Oliveira quer *limpar a República* e no jornal *Imprensa da Manhã* publica-se um *pretensão documento confidencial* que representaria o cerco da Lisboa pelo Exército, com o fim de desarmar a GNR, insinuando-se que também seria liquidada a PSP e a Marinha de Guerra. O governo, em nota oficiosa, chega a desmentir, mas, na verdade, tinha mandado concentrar tropas em Mafra, sob o comando do general Alves Pedrosa, em ligação ao comandante da GNR, Abel Hipólito. A conspiração tinha sido desenhada na pastelaria Bijou, na Avenida da Liberdade.

●**Movimento de salvação pública** Surge um esboço de *movimento de salvação pública*, subscrito por José de Castro, António Luís Gomes, Jaime Cortesão, João de Deus Ramos, Francisco António Correia, Ramada Curto, Cunha Leal, Leonardo Coimbra e Sá Cardoso. Tudo terá nascido de uma deliberação da loja maçónica *Grémio Montanha*, visando constituir um *governo de salvação pública*. Elaborado o plano é o mesmo levado ao grão-mestre Sebastião de Magalhães Lima que logo nomeia uma comissão executiva, composta por distintas e veneráveis figuras da maçonaria, mas há uma fuga de informação e tudo aparece no *Diário de Lisboa*. O próprio Grão-Mestre até envia uma *prancha* a António Granjo, também ele maçon, para que cedesse o poder, fazendo ascender ao projectado Movimento de Salvação Pública. A conspiração semi-clandestina já até tinha um futuro chefe do governo, Manuel Maria Coelho, organizando-se uma comissão dirigente da revolução, com Cortês dos Santos, Camilo de Oliveira e Procópio de Freitas.

●**Granjo encontra-se com Cunha Leal** – Fausto de Figueiredo, um dos financiadores da *Imprensa da Manhã*, promove encontro de António Granjo com Cunha Leal no Estoril (5 de Outubro). Nas cerimónias do cemitério do Alto de S. João, na romagem aos túmulos de Cândido dos Reis e Miguel Bombarda, há insultos a Granjo, com *morras à reacção e aos jesuítas...*

●**Golpe outubrista** Tudo se precipita com o golpe outubrista e a *Noite Sangrenta*, de 19 de Outubro, onde são assassinados o presidente do ministério, António Granjo, e o fundador da República, Machado Santos,

bem como J. Carlos da Maia, o comandante Freitas da Silva e o coronel Alexandre Botelho de Vasconcelos, triunfando deste modo uma revolta falhada em 30 de Setembro, agora apoiada por forças da marinha. O principal assassino da *Camioneta da Morte*, é um tal Abel Olímpio, o *Dente de Ouro*, e fala-se na estreita amizade que o liga a um padre, dito monárquico, Maximiliano de Lima.

●**Epilepsia e desordem** – Na revista *Seara Nova*, Raul Proença proclama: *mais uma vez a mais perigosa das utopias levou este país à epilepsia da desordem*. Fala-se numa *revolução de gazua*, considerando-se que *só há uma maneira de tornar respeitada a vontade revolucionária: é fazer revoluções na opinião pública*.

●No mesmo dia, **libertado o assassino de Sidónio Pais**, José Júlio Costa, que se encontrava detido no hospital Miguel Bombarda. A acção é levada a cabo por 300 civis armados. Conduzido para o Centro Republicano António Maria de Baptista, é aí homenageado. Segue para o Norte, em regime de clandestinidade.

●**Alfredo da Silva foge** precipitadamente para Espanha e sofre atentado em Leiria. Preso Tamagnini Barbosa (21 de Outubro).

●**Corpo diplomático** Também neste dia, corpo diplomático manifesta preocupação pelas ocorrências sangrentas ao novo ministro dos estrangeiros, Veiga Simões. CGT reclama a libertação dos sindicalistas detidos.

●**Governo nº 84** (19 de Outubro) de **Manuel Maria Coelho**²⁷ (17 dias). O primeiro gabinete outubrista, apenas apoiado pelos populares ligados a Júlio Martins, dado que Cunha Leal muda radicalmente de postura política, passando de radical de esquerda a radical de direita, depois de ter tentado proteger Granjo, de quem era adversário. Às 22 horas e 45 minutos do dia 19, António José de Almeida investe Manuel Maria Coelho (1857-1943), antigo revolucionário de 1891, mas como ele próprio confessará, *só governou três dias, estando todo o demais tempo em crise*. Pouco antes, Agatão Lança informa-o dos atentados. O gabinete reúne chefes da insurreição e gente *respeitável*, mas muitos não



tomam posse para não se confundirem com os assassinos.

●O presidente do ministério e ministro do interior é um antigo revoltoso do 31 de Janeiro de 1891. Na justiça, Vasco Guedes de Vasconcelos (não toma posse) e, depois, o juiz António Augusto de Almeida Arez (n. 1868), desde 22 de Outubro (um reconstituente que assume funções sem apoio do respectivo partido). Nas finanças, Francisco António Correia, antigo membro da Liga de Acção Nacional, de 26 de Junho a 19 de Julho de 1920, na qualidade de independente. Na guerra, José Cortês dos Santos. Na marinha, Vítor Macedo Pinto (não toma posse) e Francisco Luís Ramos (desde 21 de Outubro). Nos estrangeiros, Alberto da Veiga Simões. No comércio, António Pires de Carvalho. Nas colónias, são sucessivamente nomeados Carlos Henrique da Silva Maia Pinto (não tomou posse), José Eduardo de Carvalho Crato (também não toma posse) e Manuel Maria Coelho interino. Na instrução pública, António Alberto Torres Garcia (não toma posse) e Manuel de Lacerda de Almeida (1890-1930), desde 22 de Outubro. No trabalho, Alfredo Pinto de Azevedo e Sousa. Na agricultura, Antão Fernandes de Carvalho.

●**Funerais de António Granjo** – Cunha Leal discursa: *a fera que todos nós e eu açulamos, que anda à solta, matando porque é preciso matar. Todos nós temos culpa! é esta maldita política* (24 de Outubro).

●O governo leva a cabo a **prisão dos principais implicados** nos atentados de 19 de Outubro (dias 24, 26 e 27).

●Até 18 de Novembro, **três navios de guerra europeus** (1 espanhol, 1 francês e 1 britânico) ficam estacionados no estuário do Tejo, repetindo os ditames da Quádrupla Aliança de 1834 (28 de Outubro).

●**Explosão de bombas** na sede das Juventudes Sindicalistas na Calçada do Combro (29 de Outubro)

●**António José de Almeida apresenta a demissão**, mas manifestação de autarcas, no dia 30 de Outubro, fá-lo recuar.

●**Atentado à bomba contra o consulado norte-americano** em Lisboa (31 de Outubro). Protesto dos anarquistas contra a condenação à morte em Boston de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti.

●**Governo nº 85** (5 de Novembro) Carlos



Henriques da Silva **Maia Pinto** (41 dias). Já é um gabinete semi-outubrista, mobilizando tanto populares como dissidentes democráticos. Manuel Maria Coelho demitira-se para evitar uma intervenção militar estrangeira, dados que vários governos europeus temiam a hipótese de uma revolução bolchevista em Portugal.

●Na presidência e no interior, Carlos Henrique da Silva Maia Pinto (1886-1932). Na justiça, Vasco Guedes de Vasconcelos. Nas finanças, Francisco Xavier Peres Trancoso. Na guerra, João Evangelista Pinto de Magalhães, desde 14 de Novembro. Na marinha, João Manuel de Carvalho. Nos negócios estrangeiros, Alberto da Veiga Simões. No comércio, Vasco Borges. Nas colónias, Tomás Fernandes. Na instrução pública, o professor de liceu Francisco Alberto da Costa Cabral. No trabalho, Torres Garcia (não toma posse), tendo interinamente assumido a pasta Francisco Xavier Peres Trancoso. Na agricultura, Antão Fernandes de Carvalho (transita do anterior gabinete).

●**Homenagem a Machado Santos** – Manifestação à beira do túmulo de Machado Santos, com discurso de Gomes da Costa contra a indisciplina: *a República ameaça fazer bancarota, degenerando num falso parlamentarismo, com uma política de facção ... A palavra República ... se converteu em propriedade exclusiva de uma oligarquia de profissionais ambiciosos, irrequietos e insaciáveis* (20 de Novembro). O general que pediu a demissão de comandante de Évora no dia 28 de Outubro e não aceitou a chefia da 1ª divisão que lhe foi oferecida pelo ministro Cortês dos Santos, continua a ser contactado por José Eugénio Dias Ferreira que lhe pede o comando de uma conspiração, dizendo que António José de Almeida o apoiaria.

●**Acordo entre liberais, democráticos e alvaristas** – Divulga-se, no dia 27, um acordo estabelecido numa reunião ocorrida no dia 22, entre liberais, democráticos e alvaristas, onde se estabelece o princípio da não colaboração com os governos outubristas, defendendo-se o saneamento das finanças e a harmonia entre o capital e o trabalho. Em Coimbra, na Faculdade de Direito, há as provas de doutoramento de Beza dos Santos, Águedo de Oliveira e Manuel Rodrigues.

●**Reunificação dos democráticos** – Também a 13, os dissidentes democráticos de Domingos Pereira regressam ao partido.

●**Governo nº 86** (16 de Dezembro) **Cunha Leal** (53 dias). Ministério *concentração partidária*, com um reconstituente, um liberal, um outubrista, três democráticos e três independentes. Declara-se *encerrado o período revolucionário*. Visa-se manter a ordem, julgar os culpados da *Noite Sangrenta* e realizar eleições. O chefe do governo apela expressamente para a participação das forças vivas e tenta amainar os impulsos golpistas da GNR, chamando o Exército para cercar Lisboa e instalando a sede do governo para Caxias. Mas Gomes da Costa logo critica a tática, dizendo que o

governo está *a mangar com a tropa*.

●Francisco Pinto da Cunha Leal, acumula com o interior. Na justiça, António Abranches Ferrão (independente). Nas finanças,



Vitorino Máximo Guimarães (democrático). Na guerra, Coronel Fernando Augusto Freiria (independente). Na marinha, João Manuel de Carvalho que transita do anterior gabinete outubrista de Maia Pinto. Cunha Leal qualifica-o como um esquerdista com vago aroma de outubrismo. Promoverá o golpe revolucionário radical de 10 de Dezembro de 1923, durante o governo de Ginestal Machado, onde o mesmo Cunha Leal assumia a pasta das finanças. Nos negócios estrangeiros, Júlio Dantas (reconstituente). No comércio, Vitorino Guimarães e o independente Nuno Simões (n. 1894), desde 22 de Dezembro de 1921. Na colónias, Francisco da Cunha Rego Chaves (reconstituente). Na instrução pública, o professor de direito Alberto da Cunha Rocha Saraiva (independente). No trabalho, Augusto Joaquim Alves dos Santos (liberal). Na agricultura, o comissário naval Mariano Martins (democrático). Será ministro das colónias de Álvaro de castro, de 28 de Dezembro de 1923 a 6 de Julho de 1924.

●**Organiza as eleições** de 29 de Janeiro de 1922, para o que tenta uma *conjunção* com alvaristas e liberais, com o apoio das forças vivas.

●**Governo em Caxias** – Face à pressão político-militar da GNR, o governo retira-se para Caxias e concentra forças do Exército no Campo Entrincheirado e chama Gomes da Costa para comandá-las. Manda depois concentrar forças em Santarém (23 de Dezembro).

●Dois operários são absolvidos pelo **Tribunal de Defesa Social** (eram acusados de serem os responsáveis pelo atentado contra o consulado norte-americano).

●**Partidos rejeitam a inclusão de candidatos governamentais** (30 de Dezembro). Cunha Leal propõe a democráticos, liberais e reconstituintes que, no acordo de entendimento eleitoral já firmado, possa haver lugar para algumas personalidades independentes que o governo tenciona favorecer. Os directórios dos partidos declaram essa impossibilidade. Em virtude desta resposta, dois depois, já Cunha Leal apresenta a demissão.

📖 Brandão, José (1991); Brochado, Costa (*O Senhor Norton...*): 90, 91; Caetano, Marcello (*A Depreciação...*): 305, 306, 307, 318, 319, 320; (1961): 58; Carrilho, Maria: 243; Costa, Carlos Gomes da (II): 82 ss.; Cruz, Manuel Braga da: 278; Gouveia, Rosa: 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51; Leal, Francisco da Cunha (II, 1966): 206, 251, 258, 268 ss., 272 ss., 279, 280, 310, 314, 318, 331 ss., 340 ss.; Lopes, Fernando Farelo (1994): 154, 193; Marques, A. H. Oliveira (*As estruturas...*): 408, 409, 503, 504, 505; (*Nova História...*): 213, 232, 265, 298, 325, 359, 470, 728, 729, 730, 731; Martins, F. Rocha (*A Europa em Guerra*, II): 354, 361, 362, 363, 372, 373, 375, 376, 383, 385, 386, 388, 389, 392, 393, 394, 396, 397, 429; Medeiros, Fernando (1978): 214, 215, 222, 223, 228, 229, 230, 231, 244, 247, 248, 267; Meneses, Luís Manuel Machado (1992); Moncada, Luís Cabral de (1992): 121; Pabón, Jesus: 463 ss., 465, 467, 470, 472, 475, 478, 479, 480; Pereira, J. Pacheco: 60 ss., 64, 155, 156; Peres, Damião (1954): 229, 232, 264, 265, 266, 267 ss., 268, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 295, 296, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 313, 315, 316, 320, 321, 323, 332; Ramos, Rui: 612, 623; Rodrigues, Edgar: 198, 199, 211 ss.; Ruivo: 42; Serrão, Joaquim Veríssimo (XI): 254 ss.; Telo, António José: 156, 157, 158; Xavier, Alberto: 75, 183, 188, 189